

TABULEIRO DE LETRAS

O percurso da constituição do sujeito na crônica de Arnaldo Jabor

The course of the subject's constitution in Arnaldo Jabor's chronicle

Diocles Igor Castro Pires Alves¹
Ana Cristina Santos Peixoto²
Ramony Maria da S. R. Oliveira³

RESUMO:

Ancorados na Teoria da Análise do Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux, o trabalho “O percurso da constituição do sujeito na crônica de Arnaldo Jabor” abordará a partir da crônica “Eu não amava o papa João Paulo II”, o percurso do sujeito discursivo extraída do livro *Ponopolítica: paixões e taras na vida brasileira*. Para tal analisamos o percurso com base nas Formações Discursivas e Ideológicas e através da Memória Discursiva revelamos os interdiscursos presentes que comprovam o deslocamento dos discursos no processo de construção e desconstrução do sujeito.

Palavras-chave: Sujeito; Discurso; Interdiscurso.

ABSTRAT:

Anchored in the Discourse Analysis Theory of the French Michel Pêcheux, the paper “The course of the subject's constitution in Arnaldo Jabor's chronicle” addresses the course of the discursive subject present in the book *Ponopolítica: paixões e taras na vida brasileira* from the chronicle “I did not love the Pope John Paul II”. To this end, the course is analyzed in the light of Discourse and Ideological Formations, and through Discourse Memory it is revealed the interdiscourses which prove the displacement of the discourses in the construction and deconstruction of the subject.

Keywords: Subject; Discourse; Interdiscourse.

1. Introdução

Este artigo propõe mostrar os conflitos da construção e (des)construção do sujeito discursivo, instaurados nas formações discursivas, encontrados na Crônica “Eu não gostava

¹Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. dioclesigor@gmail.com

² Professora de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. anacrisletras@gmail.com

³ Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG-MG. ramonyeduc@yahoo.com.br

do Papa João Paulo II”, de Arnaldo Jabor. Aqui analisamos o Sujeito Discursivo que se apropria das ideologias para mudar e transformar a visão que se tem do Pontífice.

Para tal, utilizamos a teoria da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, baseado em M. Pêcheux. Acreditamos que essa teoria elucidará a nossa hipótese desse sujeito polifônico que se constrói e se contradiz em relação ao seu objeto. Abordamos os conceitos da AD como o discurso, formação discursiva, interdiscurso, condições de produção do discurso, heterogeneidade mostrada e constitutiva, polifonia, entre outros conceitos que definimos e que evidencie a (des)construção de sujeito analisado.

O *corpus* dessa pesquisa foi extraído da obra *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira*, uma coletânea de crônicas organizadas e escritas por Arnaldo Jabor. Escolhemos especificamente a crônica “Eu não gostava do Papa João Paulo II” para a análise, por apresentar relações discursivas antagônicas e um sujeito discursivo polifônico e complexo que se permite essa dualidade.

2. A Teoria do Discurso

Iniciada em meados dos anos 1960, com os trabalhos de Michel Pêcheux, A Análise do Discurso de linha francesa tem como base a articulação da Linguística (como teoria dos mecanismos sintáticos e da enunciação), o Materialismo Histórico (como teoria das formações e transformações sociais e ideológicas) e a Teoria do Discurso (como teoria da determinação histórica dos processos semânticos) e essas três regiões serão marcadas e atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

Segundo Pêcheux (1997), há três espaços distintos na AD: O primeiro – fechado-restrito – de natureza estruturalista, em que se concebido como uma máquina autodeterminada e fechada, e o sujeito é completamente assujeitado. Também chamado de 1ª época para Pêcheux, esse espaço trata-se de uma proposta teórica metodológica impregnada por uma releitura de Saussure, em que Pêcheux desloca o objeto, pensando a “*langue*” – sistema de signos linguísticos – (sua sistematicidade; seu caráter social) como base dos processos discursivos nos quais estão envolvidos sujeitos e História, criando assim uma polêmica, no tocante ao corte saussureano entre língua/fala, e mostrando algumas consequências como o abandono dos estudos semânticos e a abertura para o formalismo e o subjetivismo.

Pêcheux propõe uma mudança de terreno, o que implica a introdução de novos objetos tomados em relação ao então novo campo teórico. Duas ideias básicas saussurianas são

mantidas por Pêcheux: a ideia de língua como sistema e a de língua como instituição social.

A partir dessas ideias serão pensados os processos discursivos; e assim, Pêcheux desloca/rompe com o objeto saussureano e propõe que a Análise do Discurso trate de um novo objeto (discurso) que funde Língua, Sujeito e História. Daí a necessidade de propor um quadro teórico em torno de Saussure, Marx e Freud relidos, respectivamente, por Pêcheux, Althusser e Lacan.

No segundo espaço (a segunda época da AD), há a inserção do sujeito da enunciação, como processo do assujeitamento. Pêcheux marcará esse sujeito como assujeitado pela ilusão de ser a origem do discurso, afetado pela ideologia.

Teremos ainda nesse espaço a noção da Formação Discursiva (FD) e a noção de Interdiscurso que marcará o conceito FD que, posteriormente, trará à tona discursos outros e a constituição da materialidade histórica.

E no último espaço, a chamada terceira época, Pêcheux, por meio dos estudos sobre a subjetividade psicanalítica, apresenta um sujeito que se constitui e se realiza no “outro” existente na interação social, surgindo assim um sujeito heterogêneo, múltiplo e que apresenta o seu discurso atravessado por outros discursos norteados de heterogeneidades que o constituirão.

Nas palavras de Pêcheux (1997, p. 228), “o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina”. Trata-se então do “fenômeno da interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso (...) pela identificação do sujeito com a FD que o domina” (...).

Pêcheux então afasta-se das posições dogmáticas alimentadas anteriormente pela vinculação com o Partido Comunista e acontece o momento do encontro com a “nova história”, da aproximação com as teses de Foucault, em que Pêcheux critica duramente a política e as posições derivadas da luta teórica (primeiro e segundo espaço da AD) e, assim, abre várias problemáticas sobre o discurso, a interpretação, a estrutura e o acontecimento.

Nas palavras de Gregolin (2003), quando adotamos o ponto de vista da Análise do Discurso, focalizamos os acontecimentos discursivos a partir do pressuposto de que há um real da língua e um real da história, e o trabalho do analista de discurso é entender a relação entre essas ordens, visto que o sentido é produzido pela relação do homem com a língua e com a história.

A Análise do Discurso propõe, portanto, descrever as articulações entre a

materialidade do enunciado, seu agrupamento em discursos, sua inserção em formações discursivas, sua articulação por meio de práticas, seu controle por princípios relacionados ao poder, suas inscrições em um arquivo histórico.

2.1 Alguns Conceitos da AD

O discurso é concebido como “uma prática do homem na sociedade”, sendo um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva, ou seja, ele é constituído de uma série de enunciados para os quais podem se definir um conjunto de condições de existência. O discurso assim é “palavra em movimento”, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Para Fernandes (2005, p. 10), o discurso, que se revela como um objeto da análise do discurso, “não é a língua nem texto, nem fala, mas necessita de elementos linguísticos para se ter uma existência material”. O discurso é um objeto que envolve o meio social no qual se desenvolve e está integrado e impregnado de aspectos de níveis sociais e ideológicos que se exteriorizam por meio da língua.

Cardoso (2005, p. 21) diz que

o discurso é fruto do reconhecimento de que a linguagem tem uma dualidade constituída e que a compreensão do fenômeno da linguagem não deve ser buscada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora do pólo da dicotomia língua/fala.

O discurso é um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sugestões interagindo em situações concretas. O discurso para Foucault é atravessado não pela unidade do sujeito, mas pela sua dispersão, ou seja, vários indivíduos podem ocupar um lugar de sujeito no discurso, um mesmo discurso pode ser analisado sobre diferentes olhares.

Bakhtin considera o discurso como sendo sempre ideológico, pois se atribui à constituição do discurso outros discursos. O discurso nunca é independente, desprovido da inserção dos pensamentos pré-existentes.

É no discurso que encontramos o sujeito discursivo que, para Fernandes (2005, p. 28),

deve ser entendido não como seres que tem uma existência particular neste

mundo, mas como um ser social, que convive e se desenvolve em dinâmica coletiva tendo a sua existência fundamentada em um espaço social e ideológico em diferentes momentos da história.

Bakhtin (1992) elabora o conceito polifônico, visando ao sujeito discursivo como um ser que se multiplica assumindo vários lugares ou papéis no discurso. Já Ducrot (1972) concebe o sujeito discursivo como locutor, sujeito falante e enunciador do próprio discurso.

O sujeito e o discurso fazem parte da interação social em diferentes meios sociais: daí entrelaçamento de diversos discursos que possibilitam a formação do sujeito. Ao abordar sua formação, somos levados a compreender o porquê da existência, ou o porquê do dito. Para Fernandes (2005, p. 43), “o sujeito é plural, isto é, é atravessado por uma pluralidade de vozes e, por isso, inscreve-se em diferentes formações discursivas e ideológicas”. Por ser assim, o sujeito-discursivo se encontra constantemente em construção, podendo sofrer mudanças e mutações nas práticas discursivas, a formação discursiva própria além do discurso.

Tendo em vista a existência do discurso proferido pelo sujeito discursivo, trazemos nesta discussão as Formações Discursivas que se constroem com o surgimento do discurso. Foucault (1986, p. 147) define Formação Discursiva como

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercícios da função enunciativa.

Já a formação ideológica é assim definida por Pêcheux & Fuchs (1990, p. 166):

um conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem individuais nem universais, que se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conjuntos umas com as outras.

A ideologia representa uma relação imaginária dos indivíduos que se concretiza em aparelhos e práticas, sendo ligada ao inconsciente por meio da interpelação dos indivíduos em sujeitos. A ideologia é inerente ao signo, sendo assim diante de toda ou qualquer palavra podemos verificar a qual ideologia se integra o discurso.

Apresentadas as formações discursivas e ideológicas, enfatizamos as condições em que os discursos são produzidos pelo sujeito discursivo. São essas condições de produção do discurso, assinaladas pelos aspectos históricos, sociais e ideológicos que o envolvem, ou que possibilitam a produção do discurso enunciado pelo sujeito. E esse sujeito discursivo – dito

anteriormente – é constituído na interação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, mas um conjunto de outras vozes, heterogêneas, que se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos e se manifesta por meio da linguagem. Trazemos aqui a definição de heterogeneidade constitutiva que é “a condição de existência dos discursos e dos sujeitos uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social” (FERNANDES, 2005, p. 38). Já a heterogeneidade mostrada é “a voz do outro e se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito e pode ser identificada na materialidade linguística” (FERNANDES, 2005, p. 38). A heterogeneidade pode ser confundida com a polifonia. Mas a polifonia são as “vozes oriundas de diferentes espaços sociais e diferentes discursos, constitutivas do sujeito discursivo” (FERNANDES, 2005, p. 43).

Quando dispomos analisar o discurso de um sujeito específico dentro de uma formação discursiva existente, buscamos entender como surgiram essas formações discursivas, além de questionarmos sobre as condições que o discurso foi produzido. Para isso recorreremos ao conceito de memória discursiva que nos permite verificar o espaço da memória como condição de funcionamento discursivo. Esse espaço constitui um corpo sócio-histórico-cultural em que os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos.

O mesmo sujeito discursivo pode proferir vários enunciados dentro de um espaço enunciativo – a enunciação. Nesse espaço surge o discurso e, por conseguinte, a formação discursiva. À presença de diferentes discursos, que advêm de diferentes momentos, chamamos de Interdiscurso o qual surge de diferentes lugares sociais e históricos, entrelaçados no interior de uma formação discursiva. Os diferentes discursos entrecruzados constitutivos dentro uma formação discursiva – o interdiscurso – podem se imbricar ocasionando um consenso e/ou dissenso nas formações discursivas e ideológicas, como ocorrem nos discursos do sujeito do *corpus* que a seguir será analisado.

3. Análise do *Corpus*

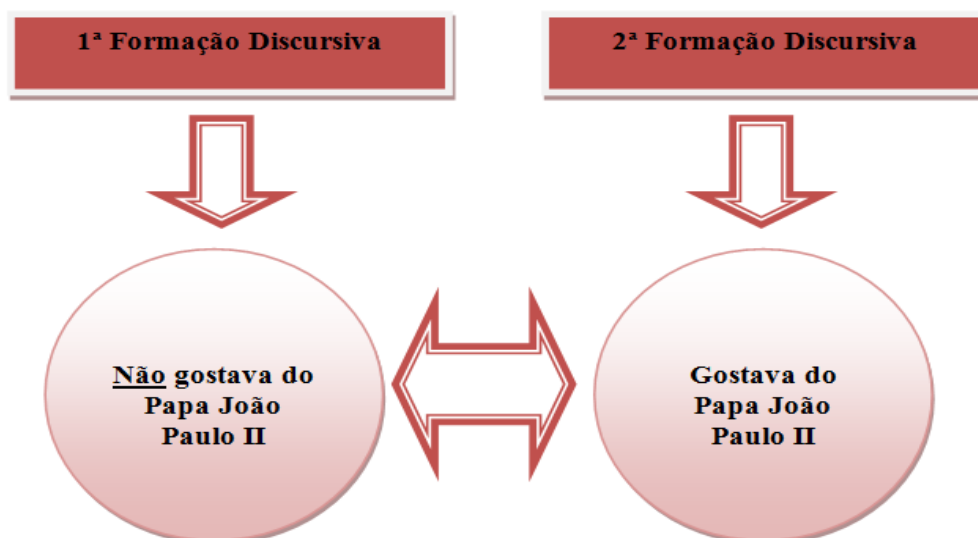
Com o objetivo de articular os conceitos da teoria da Análise do Discurso, abordados no tópico anterior, selecionamos a crônica **Eu não gostava do Papa João Paulo II**, extraída do livro *Pornopolítica: paixões e taras na vida brasileira de Arnaldo Jabor*. A crônica, enquanto *corpus* da pesquisa, foi analisada e apresentada em fragmentos, à medida que

apontamos cada elemento discursivo que nos mostra a construção e (des)construção do sujeito. Deixamos as sequências em negrito para nortear a análise e situar o leitor para os elementos discursivos.

O título **Eu não gostava do Papa João Paulo II** vai revelar a primeira Formação Discursiva (FD) daqueles indivíduos que não admiravam ou não gostavam do Papa, ou ainda, que não seguiam os dogmas católicos, ou era um ateu convicto. Mas como os discursos são marcados por ideologias, revelamos outra Formação Discursiva de confronto daqueles que eram católicos, admiravam a postura do Papa, conheciam sua história, sua trajetória de sacerdócio.

Para ilustrar esses confrontos de Formações Discursivas, apresentamos o esquema a seguir:

Figura 1: Esquema I - O confronto das Formações Discursivas



Fonte: Elaboração dos autores (2016).

No início do texto o sujeito apresenta a sua posição como sujeito discursivo: a posição subjetiva daquele que, a partir da comoção das pessoas que estavam unidas no falecimento do Papa, também é comovido.

Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV. E me espantava com a imensa emoção mundial, e também comigo mesmo: “Como estou sozinho”! Pensei.

O sujeito fazia parte da FD – daqueles que ignoravam a morte do Papa, sem qualquer pesar. Inserido nessa FD, o sujeito tem a ilusão perpassada pelo inconsciente de que ele está

só. Essa solidão é tomada pela comoção da morte do Papa. O sujeito se coloca na mesma linha de igualdade com o Papa, e ainda que o mundo esteja comovido pela morte ele se encontra isolado e sozinho. A morte materializa a sensação de perda o que o leva a uma sensação de abandono.

Aparece então a segunda FD que é aquela das pessoas que têm fé e que rezam, para duelar com a primeira FD dos ateus:

Percebi que tinha de saber mais sobre mim, eu, sozinho, sem fé alguma, no meio desse oceano de pessoas rezando no Ocidente e Oriente.

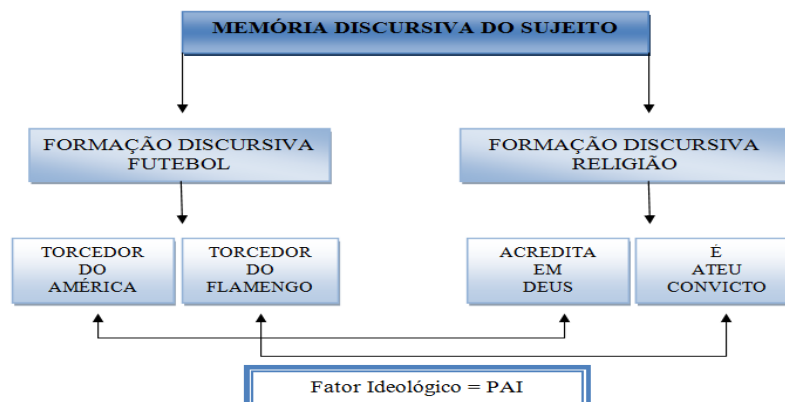
O sujeito se vê excluído e traído pela própria ideologia religiosa. O fato de contrapor suas convicções religiosas com o restante do mundo o direcionava a um “eu” completamente isolado. Foi marginalizado por si próprio de um conjunto de ideias que poderia assemelhá-lo com as pessoas de fé.

Ele só começa a fazer esse processo de reflexão a partir do momento em que vai acionar a sua Memória Discursiva (MD) e reportar a sua infância para poder, a partir dessa MD, reconstruir um lugar de discurso:

Meu pai, engenheiro e militar, me passou dois ensinamentos: ele era ateu e torcia pelo América Futebol Clube. Claro que segui seus passos. Fui América até os 12 anos, quando “virei casaca” para o Flamengo (mas até hoje tenho saudade da camisa vermelha, garibaldina, do time de João Cabral e Lamartine Babo), e parei de acreditar em Deus.

A memória discursiva é a própria representação do interdiscurso que se materializa nela e através dela. Temos nessa sequência a explicitação do interdiscurso daquele que não tem fé, daquele que é ateu. O sujeito só reforça isso com seu fanatismo de torcedor. O interdiscurso aparece com o paralelo feito entre os dois termos: “virei casaca” e “parei de acreditar em Deus”. O sujeito faz uma manobra ideológica quando utiliza o pai como seu fator de ideologia de transformação. Vejamos o esquema 2 que ilustra, através da Memória Discursiva, o fator ideológico que influenciam as formações ideológicas do sujeito.

Figura 2: Esquema II - Memória Discursiva do Sujeito



Fonte: Elaboração dos autores (2016).

O sujeito procura justificar as suas crenças e as suas convicções ideológicas usando o artifício da memória discursiva e traz à tona as lembranças do pai como um fator ideológico que o influenciou em algumas escolhas. A incompletude discursiva sempre será evidenciada no sujeito discursivo. O sujeito tem a ilusão de ser a origem do dizer, porque é encoberto de um esquecimento (bloqueado pela consciência). A memória discursiva, de certa forma, desbloqueia esse esquecimento e traz à baila a raiz do dizer algo exclusivo.

Na justificativa de suprir a lacuna do fato de pertencer àquela classe que não gosta do Papa, o sujeito se posiciona da seguinte forma:

Sei que “de mortuis nihil nisi bonum” (“não se fala mal de morto”), mas devo confessar que nunca gostei desse Papa. Por quê? Não sei. É que sempre achei, nos meus traumas juvenis, que Papa era uma coisa meio inútil, pois só dava genéricas sobre a insânia do mundo, condenando a “maldade” e pedindo uma “paz” impossível, no meio da sujeira política.

Temos um sujeito discursivo politizado e convicto em suas ideologias. A sua subjetividade é puramente racional quando diz (...) **pedindo uma “paz” impossível, no meio da sujeira política.** Trata-se de um sujeito descrente na política e possivelmente no homem. Ele vê a figura do Papa como algo fútil e sem importância para o cenário mundial.

Nas formações discursivas temos as presenças de vários discursos que se imbricam formando o interdiscurso. Na sequência, veremos o interdiscurso quando o religioso e o histórico perpassam o literário e o jocoso:

Quando João Paulo entrou, eu era jovem e implicava com tudo. Eu achava vigarice aquele negócio de fingir que ele falava todas as línguas. Que papo era esse do Papa? Lendo frases escritas em partituras fonéticas... Quando ele começou a beijar o chão dos países visitados, impliquei mais ainda. Que demagogia! – reinando na corte do vaticano e bancando o humilde (...).

Além de encontrarmos nesse enunciado o interdiscurso, vemos a recorrência da memória discursiva em que o sujeito retoma a memória coletiva para explicar a sua repulsão pelo Papa.

Para os católicos, o Papa representa a doutrina do cristianismo e a Igreja Católica fundada por Pedro a pedido de Jesus Cristo. O sujeito discursivo incomoda com o comportamento do Papa que tenta seguir o evangelho de Cristo nas suas palavras e nos seus atos. Para o sujeito, o Papa se transforma em um demagogo quando procura seguir os ensinamentos de Jesus Cristo narrados nos evangelhos da Bíblia. A ideologia que existe no ato de João Paulo é ideologia da Igreja Católica. O sujeito vê uma ironia no gesto do Papa, caracterizada pela ideologia do cristianismo.

Na próxima sequência encontramos os discursos literário, religioso, histórico e político. Esses discursos geram o interdiscurso da FD e fortalece as convicções do sujeito em relação ao Papa:

Depois da euforia inicial dos anos 90, vi aquela esperança de conciliação política no mundo, capitaneado pelo Gorbachev, fracassaria. Entendi isso quando vi o papai Bush falando no Kremlin, humilhando o Gorba, considerando-se “vitorioso”, prenunciando as nuvens negras de hoje com seu filhinho no poder. Senti que o sonho de entendimento socialismo-capitalismo ia ser apenas o triunfo triste dos neoconservadores. O mundo foi piorando e o Papa viajando, beijando pés, cantando com Roberto Carlos no Rio. Uma vez ele declarou: “A Igreja Católica não é uma democracia.” Fiquei horrorizado naquela época liberalizante e não liguei mais para o Papa “de direita”.

A heterogeneidade constitutiva está implícita em vários momentos nos discursos do sujeito. Como foi dito anteriormente, o sujeito tem a ilusão de ser a origem do dizer, mas tudo que é dito em um discurso já foi falado antes, de outra forma, de outro lugar e por outro sujeito. A heterogeneidade mostrada também aparece nessa sequência discursiva quando o sujeito especifica a autoria do enunciado do Papa quando diz: **“A igreja Católica não é uma democracia”**.

Na próxima sequência vemos um sujeito na sua incompletude, mas que tomado pela figura do Papa: **“aquele rosto retorcido era o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos”** se permite a refletir sobre suas ideologias.

Essa foto é um marco, um símbolo forte, quase como as torres caindo em NY. Parece um prenuncio do juízo Final, um rosto do apocalipse, a cara da nossa época. É aterrorizante ver o desespero do homem de Deus, do Infalível, do

embaixador de Cristo. Naquele momento, Deus virou homem. E, subitamente, entendi alguma coisa maior que sempre me escapara: aquele rosto retorcido era o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos! O Papa tinha voltado a seu nascimento e sua vida se fechava. Ali estava o menino pobre, ex-ator, ex-operário, ali estavam as vítimas da guerra, os atacados pelo terror, ali estava sua imensa solidão igual à minha. Então, ele morreu.

Ele deixa um espaço para o inconsciente vir à tona (Onde já se viu falar mal do Papa, um homem de Deus, um homem santo? Sabendo que todos irão ler). A comparação da foto do Papa com as torres gêmeas dos EUA é a representação do poder em decadência. O Papa representando o poder da Igreja Católica, da religião e a torres representando o poder econômico, do capitalismo. O sujeito faz uma comparação entre o poder religioso e o poder econômico. E leva a um discurso histórico de outros tempos quando a igreja interferia na política. Existe nessa sequência um percurso sendo traçado para o Papa, de onipotente para um homem comum com fraquezas e sentimentos comuns e um percurso para (des)construção do sujeito discursivo. A seguir, a Figura 3 ilustra essa comparação:

Figura 3: Papa João Paulo II e as Torres Gêmeas dos EUA



Fonte: <http://catolicismoemsegredo.spaceblog.com.br/>; www.publico.pt/mundo/noticia

Em busca do objetivo de comprovar o deslocamento do sujeito, vemos o seguinte enunciado:

E ontem, vendo os milhões chorando pelo mundo, vendo a praça cheia, entendi de repente sua obra, sua imensa importância. Vendo a cobertura da Globo,

montando sua vida inteira, os milhões de quilômetros viajados, da África às favelas do Nordeste, entendi o Papa.

O sujeito inicia seu deslocamento na Formação discursiva quando obtém novas informações a respeito da vida do Papa. E se vê distante das ideologias que o constituiu enquanto sujeito:

Emocionado, senti minha intensíssima solidão de ateu. Eu estava fora daquelas multidões imensas, eu não tinha nem a velha ideologia esfacelada nem uma religião para crer, eu era um filho abandonado do racionalismo francês, eu era um órfão de pai e mãe. Aí, quem tremeu fui eu, com olhos cheios d'água.

Ao sentir a dor da ausência, o sujeito se emociona com as suas escolhas e se coloca numa posição de luto pela própria vida. Com a morte do Papa, o sujeito passa a construir ou desconstruir todas as impressões sobre o pontífice:

E vi Karol Wojtyla, tachado superficialmente de “conservador”, tinha sido muito mais que isso. Ele tinha batido em dois cravos: satisfiz a reacionaríssima Cúria Romana, implacável e cortesã, e, além disso, botou o pé no mundo, fazendo o que italiano algum faria: rezar missas para negões na África e no Nordeste, levando seu corpo vivo como símbolo de uma espiritualidade perdida. O conjunto de sua obra foi muito além de ser contra ou favor da camisinha. Papa não é para ficar discutindo questões episódicas. É muito mais que isso. Visitou o Chile de Pinochet e o Iraque de Saddam e, ao contrário de ser uma “adesão alienada”, foi uma crítica muito mais alta, mostrando-se acima de sórdidas políticas seculares, levando consigo o Espírito, a idéia de Transcendência acima do mercantilismo e ditaduras. E foi tão “moderno” que usou a “mídia” sim, muito bem, como “Madonna ou Pelé”.

Existe aí um sujeito que se desloca e, do lugar da subjetividade, constrói um sentimento, passando a gostar do Papa. Utiliza o recurso da memória discursiva e por meio das expressões do interdiscurso que traz à tona uma reflexão sobre a figura do Papa. Da relação do Sujeito com o social, a mobilização das multidões, a sua ideologia e a do Papa, o fazem refletir, e a partir desse momento ele se vê diante de uma nova ideologia, percebe-se enquanto um novo sujeito. Aquele Sujeito fragilizado, emocionado, cheio de incompletude, se constitui enquanto aquele que pode vir ser a favor do Papa.

Na próxima sequência discursiva surge um novo interdiscurso, em que o discurso literário se entrelaça no discurso social. O sujeito concorda que o Papa foi um homem que conseguiu estar além da igreja, foi além da ideologia:

E, nisso criticou a Cúria por tabela, pois nenhum cardeal saíria do conforto do palácio para beijar pé de mendigo na América Latina. João Paulo cumpriu seu

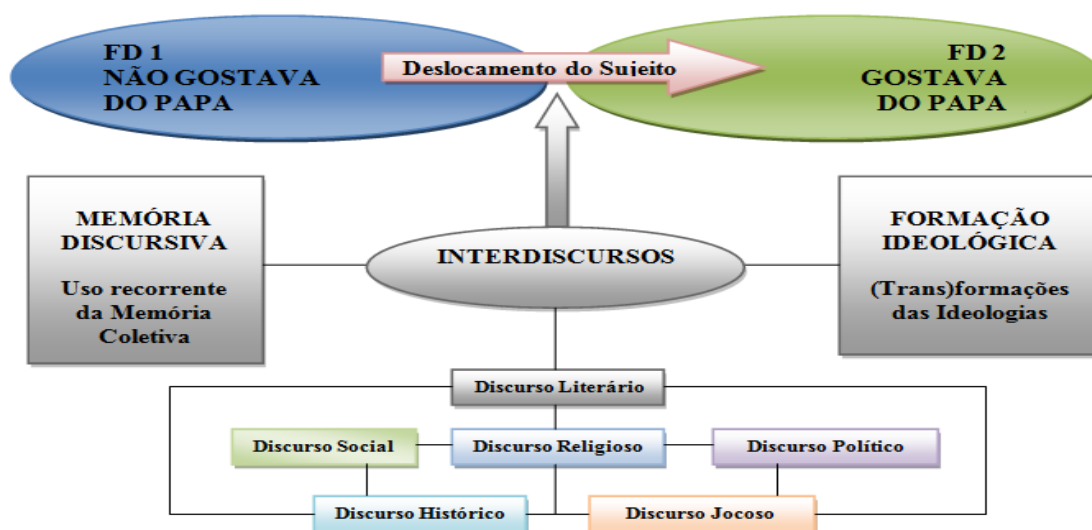
destino de filósofo acima do mundo, que tanto precisa de grandeza e solidariedade.

Por fim, o sujeito se (des)constrói e se desloca da Formação Discursiva daqueles que não gostavam do Papa João Paulo II e passa para a Formação Discursiva daqueles que gostavam do pontífice:

Sou ateu, sozinho, condenado a não ter fé, mas que se há alguma coisa que precisamos hoje, é de uma nova ética, de um pensamento transcendental, de uma espiritualidade perdida. João Paulo na verdade deu um show de bola.

Independentemente da espiritualidade ou religião, o Sujeito passa a respeitar a história de vida do pontífice. Ele não deixou de ser ateu, mas confessa que o Papa cumpriu seu papel enquanto homem de Deus, enquanto cidadão na sociedade. Vejamos o esquema 3 que mostra o deslocamento do sujeito discursivo.

Figura 4: Esquema III – Deslocamento do Sujeito Discursivo



Fonte: Elaboração dos autores (2016).

4. Considerações Finais

O artigo em voga privilegiou o estudo discursivo e enfatizou a questão das Formações Discursivas e seus desdobramentos. Identificamos os momentos em que o sujeito constrói e ao mesmo tempo reconstrói seu percurso discursivo a partir de duas Formações Discursivas: Aqueles que **não** gostavam do Papa (FD1) e aqueles que gostavam do Papa (FD2). A partir

das Formações Discursivas – constituídas pelos interdiscursos que foram formados pelos intercruzamentos dos discursos político, literário, social, histórico, religioso e jocoso – foi possível traçar o percurso da construção e (des)construção do sujeito discursivo. Por meio das sequências discursivas reportamos à Memória Discursiva para entender os diferentes lugares discursivos distintos do sujeito e assim evidenciar os momentos em que as formações discursivas se duelam e se aliam.

O processo de (des)construção somente foi possível devido à exposição do sujeito discursivo aos fatores sociais, políticos, culturais. O movimento interpretativo do discurso possibilitou que o sujeito sofresse uma (des)construção ideológica.

Por saber que toda interpretação é marcada pela incompletude constitutiva do próprio processo de interpretar, acreditamos que a ilusão do fechamento do texto marca apenas a possibilidade de outras interpretações.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. 2.ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DUCROT, O. **Direct ne pas Dire**. Paris: Herman, 1972.
- FERNANDES, Claudemar A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Série Sala de Aula. Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise; BARONAS, Roberto. **As Materialidades do sentido**. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2003.
- JABOR, Arnaldo. **Pornopolítica**: paixões e taras na vida brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso: Três Épocas. In. GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

ANEXO I

EU NÃO GOSTAVA DO PAPA JOÃO PAULO II

Escrevo enquanto vejo a morte do papa na TV. E me espanto com a imensa emoção mundial. Espanto-me também comigo mesmo: "Como eu estou sozinho!" - pensei. Percebi que tinha de saber mais sobre mim, eu, sozinho, sem fé nenhuma, no meio deste oceano de pessoas rezando no Ocidente e Oriente. Meu pai, engenheiro e militar, me passou dois ensinamentos: ele era ateu e torcia pelo América Futebol Clube. Claro que segui seus passos. Fui América até os 12 anos, quando "virei casaca" para o Flamengo (mas até hoje tenho saudade da camisa vermelha, garibaldina, do time de João Cabral e Lamartine Babo), e parei de acreditar em Deus.

Sei que "de mortuis nihil nisi bonum" ("não se fala mal de morto"), mas devo confessar que nunca gostei desse papa. Por quê? Não sei. É que sempre achei, nos meus traumas juvenis, que papa era uma coisa meio inútil, pois só dava opiniões genéricas sobre a insânia do mundo, condenando a "maldade" e pedindo uma "paz" impossível, no meio da sujeira política.

Quando João Paulo entrou, eu era jovem e implicava com tudo. Eu achava vigarice aquele negócio de fingir que ele falava todas as línguas. Que papo era esse do papa? Lendo frases escritas em partituras fonéticas... Quando ele começou a beijar o chão dos países visitados, impliquei mais ainda. Que demagogia! - reinando na corte do Vaticano e bancando o humilde...

Um dia, o papa foi alvejado no meio da Praça de São Pedro, por aquele maluco islâmico, prenúncio dos tempos atuais. Eu tenho a teoria de que aquele tiro, aquela bala terrorista despertou-o para a realidade do mundo. E o papa sentiu no corpo a desgraça política do tempo. Acho que a bala mudou o papa. Mas, fiquei irritadíssimo quando ele, depois de curado, foi à prisão "perdoar" o cara que quis matá-lo. Não gostei de sua "infinita bondade" com um canalha boçal. Achei falso seu perdão que, na verdade, humilhava o terrorista babaca, como uma vingança doce.

E fui por aí, observando esse papa sem muita atenção. É tão fácil desprezar alguém, ideologicamente... Quando vi que ele era "reacionário" em questões como camisinha, pílula e contra os arroubos da Igreja da Libertação, aí não pensei mais nele... Tive apenas uma admiração passageira por sua adesão ao Solidariedade do Walesa, mas, como bom "materialista", desvalorizei o movimento polonês como "idealista", com um Walesa meio "pelego". E o tempo passou.

Depois da euforia inicial dos anos 90, vi que aquela esperança de entendimento político no mundo, capitaneado pelo Gorbachev, fracassaria. Entendi isso quando vi o papai Bush falando no Kremlin, humilhando o Gorba, considerando-se "vitorioso", renunciando as nuvens negras de hoje com seu filhinho no poder. Senti que o sonho de entendimento socialismo-capitalismo ia ser apenas o triunfo triste dos neoconservadores. O mundo foi piorando e o papa viajando, beijando pés, cantando com Roberto Carlos no Rio. Uma vez, ele declarou: "A Igreja Católica não é uma democracia." Fiquei horrorizado naquela época liberalizante e não liguei mais para o papa "de direita".

Depois, o papa ficou doente, há dez anos. E eu olhava cruelmente seus tremores, sua corcova crescente e, sem compaixão nenhuma, pensava que o pontífice não queria "largar o osso" e ria, como um anti-Cristo. Até que, nos últimos dias, João Paulo II chegou à janela do Vaticano, tentou falar... e num esgar dolorido, trágico, foi fotografado em close, com a boca aberta, desesperado.

Essa foto é um marco, um símbolo forte, quase como as torres caindo em NY. Parece um prenúncio do Juízo Final, um rosto do Apocalipse, a cara de nossa época. É aterrorizante ver o desespero do homem de Deus, do Infalível, do embaixador de Cristo. Naquele momento, Deus virou homem. E, subitamente, entendi alguma coisa maior que sempre me escapara: aquele rosto retorcido era o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos! O papa tinha voltado ao seu nascimento e sua vida se fechava. Ali estava o menino pobre, ex-ator, ex-operário, ali estavam as vítimas da guerra, os atacados pelo terror, ali estava sua imensa solidão igual à nossa.

Então, ele morreu. E ontem, vendo os milhões chorando pelo mundo, vendo a praça cheia, entendi de repente sua obra, sua imensa importância. Vendo a cobertura da Globo, montando sua vida inteira, seus milhões de quilômetros viajados, da África às favelas do Nordeste, entendi o papa. Emocionado, senti minha intensíssima solidão de ateu. Eu estava

fora daquelas multidões imensas, eu não tinha nem a velha ideologia esfacelada, nem uma religião para crer, eu era um filho abandonado do racionalismo francês, eu era um órfão de pai e mãe. Aí, quem tremeu fui eu, com olhos cheios d'água. E vi que Karol Wojtyła, tachado superficialmente de "conservador", tinha sido muito mais que isso. Ele tinha batido em dois cravos: satisfizes a reacionaríssima Cúria Romana implacável e cortesã e, além disso, botou o pé no mundo, fazendo o que italiano nenhum faria: rezar missa para negões na África e no Nordeste, levando seu corpo vivo como símbolo de uma espiritualidade perdida.

O conjunto de sua obra foi muito além de ser contra ou a favor da camisinha. Papa não é para ficar discutindo questões episódicas. É muito mais que isso. Visitou o Chile de Pinochet e o Iraque de Saddam e, ao contrário de ser uma "adesão alienada", foi uma crítica muito mais alta, mostrando-se acima de sórdidas políticas seculares, levando consigo o Espírito, a idéia de Transcendência acima do mercantilismo e de ditaduras. E foi tão "moderno" que usou a "mídia" sim, muito bem, como Madonna ou Pelé.

E nisso, criticou a Cúria por tabela, pois nenhum cardeal sairia do conforto dos palácios para beijar pé de mendigo na América Latina. João Paulo cumpriu seu destino de filósofo acima do mundo, que tanto precisa de grandeza e solidariedade.

Sou ateu, sozinho, condenado a não ter fé, mas vi que se há alguma coisa de que precisamos hoje é de uma nova ética, de um pensamento transcendental, de uma espiritualidade perdida. João Paulo na verdade deu um show de bola.

JABOR, Arnaldo. **Pornopolítica**: paixões e taras na vida brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Recebido em: 04 de outubro de 2015.
Aceito em: 05 de dezembro de 2015.